

Francisco Sá Carneiro



Da morte de Sá Carneiro à reeleição de Eanes

1980

*Uma maioria, um governo, um presidente
(o sonho frustrado de Sá Carneiro)*

Sá Carneiro acabou a tempo. O que estava para lá do que realizou era só a esperança de que o realizasse. Acabar em esperança é evitar o desmentido...Melhor do que ganhar ao jogo é ter esperança de ganhar. E correr o risco de perder
(Vergílio Ferreira)

● **Da eleição de Reagan à greve de Lech Walesa.** Num tempo de *third wave* (Toffler) e de *pouvoir sur scènes* (Balandier), assinala-se a morte de Tito e a eleição de Ronald Reagan (4 de Novembro), bem como um novo aumento dos preços do petróleo e o boicote ocidental aos Jogos Olímpicos de Moscovo (19 de Julho), enquanto na Polónia começa a greve dos operários de Gdansk (14 de Agosto), donde emerge a liderança de Lech Walesa e do sindicato Solidarnosc (22 de Setembro). Morre o líder comunista jugoslavo, Joseph Broz Tito (04 de Maio), Jerusalém torna-se capital do Estado de Israel (25 de Julho) e inicia-se a guerra entre o Irão e o Iraque (22 de Setembro).

● **A tirania do status quo** (Milton Friedman). A intervenção soviética no Afeganistão, a partir de 27 de Dezembro de 1979, faz terminar o ambiente de *detente* da *Guerra fria*, iniciando-se uma fase dita de *measured confrontation*, principalmente quando se estabelece a chamada *doutrina Carter*. Com efeito, o presidente norte-americano considera tal intervenção o maior desafio vivido desde o começo da *Guerra fria*, declarando que os Estados Unidos considerarão que qualquer esforço que um poder exterior faça por obter o controlo da região do Golfo Pérsico será considerado *um assalto a interesses vitais dos Estados Unidos da América*, pelo que tal assalto haverá de ser *repellido por todos os meios necessários, incluindo a força militar*. Os soviéticos respondem no mesmo tom, ao considerarem que a chamada doutrina dos direitos humanos do presidente norte-americano não passa de uma forma de intervenção dos Estados Unidos na política interna de outros Estados soberanos.

● **Governo n.º 115** I Governo da AD, de Francisco Sá Carneiro (3 de Janeiro), VII Governo Constitucional. Com a participação de Diogo Freitas do Amaral (vice-primeiro ministro e dos negócios estrangeiros).

● Entre os ministros: Francisco Pinto Balsemão (adjunto do primeiro-ministro), Amaro da Costa (defesa nacional), Eurico de Melo (administração interna), Mário Raposo



(justiça), Aníbal Cavaco Silva (finanças e plano), Vítor Pereira Crespo (educação e ciência), Eusébio Marques de Carvalho (trabalho), João

António Morais Leitão (assuntos sociais), Cardoso e Cunha (agricultura e pescas), Basílio Horta (comércio e turismo), Álvaro Barreto (indústria e energia), João Lopes Porto (habitação e obras públicas) e Viana Baptista (transportes e comunicações).

● **Tensões no PS** – Reunião da Comissão Nacional do PS, com forte tensão entre Mário Soares e um grupo constituído por Francisco Salgado Zenha, António Guterres e Jorge Sampaio e a maioria do Secretariado Nacional (20 de Janeiro).

● **Televisão a cores** – RTP inicia a transmissão a cores (7 de Março).

● **Otelo funda a Força de Unidade Popular** (28 de Março)

● **PS e presidenciais** – Mário Soares, de visita ao Rio de Janeiro, a convite de Lionel Brizzola, declara, em conferência de imprensa, que *não está no meu horizonte político a candidatura às próximas eleições presidenciais portuguesas*.

● Pouco tempo depois, o PS, através de Vítor Constâncio e Eduardo Pereira, inicia negociações com Ramalho Eanes, através do chefe da casa civil, Fernando Reino, para apoio à recandidatura do Presidente da República, desejada pela maioria dos membros do Secretariado Nacional do partido (3 de Abril).

● O PS corria o risco da *italianização*. Conforme observa Vergílio Ferreira: *o grande erro deste partido chama-se Mário Soares. Este homem ainda não teve notícia de que não vivemos na I República*.

● **Forças Populares 25 de Abril** Anunciada a formação das FP25 (20 de Abril). Em 3 de Fevereiro de 1981 lançam bomba contra o Banco do Brasil. Rebenta novo petardo com assinatura da mesma organização em Felgueiras (27 de Setembro de 1981). Assumindo inequivocamente a via terrorista, a mesma organização desencadeará uma série de assassinatos políticos, sendo vítimas do processo, tanto Cunha e Sá, gestor em Sacavém, em 6 de Outubro de 1982, como o director-geral dos serviços prisionais, Castelo Branco, em 15 de Fevereiro de 1986. Começam a ser julgadas em 3 de Outubro de 1986. Otelo, provado autor moral dos actos terroristas, acaba condenado a 15 anos de prisão em 20 de Maio de 1987, sendo, depois, agraciado com a libertação.

● **Soares Carneiro aceita a candidatura** presidencial da AD (25 de Abril).

● **APU** – PCP e MDP assinam acordo visando reconstituir a Aliança Povo Unido (6 de Maio).

● **Surge a Frente Republicana e Socialista**, coligação do PS, UEDS e ASDI (10 de Junho).

● **Comunistas difamam Sá Carneiro** – Intervenção de Francisco Sá Carneiro na RTP, no dia 15 de Agosto, ladeado pelos ministros, onde nega a dívida à banca, difundida pelo jornal comunista *O Diário*, desde Agosto de 1979 e que está a ser julgada pelos tribunais, depois de Sá Carneiro ter apresentado uma queixa à Polícia Judiciária. Outra forma larvar de combate a Sá Carneiro passa pela denúncia da respectiva união de facto com Snu Abecasis. Os assessores de Eanes chegam a rejeitar a presença da companheira do Primeiro-Ministro num jantar oficial, por ocasião da visita de Carter e Mário Soares chega a denunciar a circunstância publicamente, em plena campanha eleitoral, ao mesmo tempo que o arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira, denuncia a evidência.

● **Nova Direita** – Lançada a edição de *Nova Direita, Nova Cultura*, da autoria de Alain Bénoist, por Fernando Ribeiro de Melo, com prefácio de José Miguel Júdice e tradução de Diogo Pacheco de Amorim (14 de Setembro).

FRS 74 (28%) PS 66	AD 126 (44,91%)	PSD 90
ASDI 4	250 dep.	
UEDS 4		
APU 41 (16, 75%) PCP 39 MDP 2		CDS 46
UDP 1 (1,4%)		PPM 6

● **Eleição nº 67** Eleição da Assembleia da República (5 de Outubro). 7 179 023 eleitores. 6 026 395 votantes. AD: 44,91%, 126 deputados. PSD nas ilhas, 8 deputados (total de deputados do PSD, 90 deputados; do CDS, 46; do PPM, 6). FRS: 74 deputados,

28% (66 do PS; 4 da ASDI; 4 da UEDS). APU: 41 deputados, 16,75% (39 do PCP e 2 do MDP). UDP: 1 deputado, 1,4%.

● *O que derrotou a esquerda foi o seu triunfalismo precoce e a sua agressividade que instintivamente leva os indecisos a desejar a sua derrota; o estilo comicieiro e desactualizado do berro e palanfrório...* (Vergílio Ferreira).

● **Campanha das presidenciais** – Eanes anuncia recandidatura (4 de Setembro). Porque *um presidente militar é o substituto do rei...um presidente é alguém que tem de estar muito acima, para que ele, povo, não esteja tão em baixo* (Vergílio Ferreira). Soares decide auto-suspensão de funções no PS, por discordar do apoio a Eanes, assumido pela maioria do secretariado do partido, principalmente por Salgado Zenha (18 de Outubro). Sá Carneiro declara que votar em Eanes é, no fundo, votar nos comunistas (21 de Outubro). Repete o dito ainda em 2 de Dezembro.

● **Morte de Marcello Caetano** no Rio de Janeiro (26 de Outubro). Numa das suas últimas cartas, refelectindo um cepticismo que até o terá tornado agnóstico, nos últimos tempos de vida, confessa a Veríssimo Serrão: *estou cansado dos males e dos remédios*.

● **Morte de Sá Carneiro e Amaro da Costa** em Camarate (4 de Dezembro). O pequeno avião que largara do Aeroporto da Portela, de Lisboa, despenha-se às 20 horas, 16 minutos e 20 segundos. No mesmo também seguiam Snu Abecasis, a esposa de Amaro da Costa e o chefe de gabinete do Primeiro-Ministro, António Patrício Gouveia. Funerais de Sá Carneiro e Amaro da Costa (6 de Dezembro).

● **9ª Eleição presidencial** (7 de Dezembro). Ramalho Eanes vence Soares Carneiro nas eleições presidenciais portuguesas (56,4% contra 40,35). Otelo, 1,5%; Galvão de Melo, 0,8%.

● **Demite-se o governo**; Freitas do Amaral vai a Belém e declara-se indisponível para integrar novo governo (9 de Dezembro).

● **Soares retoma as funções** de secretário-geral do PS. Declara ser completamente inoportuno um governo de coligação com o PSD (10 de Dezembro).

● **A ascensão de Balsemão** – Eanes inicia consultas aos partidos com representação parlamentar (11 de Dezembro). Pinto Balsemão é eleito Presidente do PSD pelo

Conselho Nacional. (13 de Dezembro). Eurico de Melo não é escolhido para continuar na liderança do governo, como defendem algumas sensibilidades. CDS, sem pôr reservas formais, lamenta que a decisão não tenha nascido de um consenso entre os dois partidos. Eanes nomeia Pinto Balsemão como Primeiro-Ministro (22 de Dezembro). Há uma prévia cimeira da Aliança Democrática que formaliza a escolha e opta pela via de cooperação institucional com Eanes. Balsemão declara então, sobre as relações com Belém, que *nem guerra, nem trégua*.

☞ Avilez, Maria João: 173, 174, 182, 190; Ferreira, Vergílio (1983): 43, 141, 142, 143, 182; Mateus, Rui: 180, 187, 188, 189, 190, 199. Neste ano publicámos *No Princípio Era o Mar*, Lisboa, 1980 (poesia); *História das Instituições. Correntes do Pensamento Jurídico*, apontamentos policopiados, Lisboa, Faculdade de Direito, 1980-1981 (137 pp); *História das Instituições. Instituições Criminais Antigas*, apontamentos policopiados, Lisboa, Faculdade de Direito, 1980-1981 (336 pp.)

● **Brandos costumes e crimes políticos** – Neste país de brandos costumes, onde as memórias da guerra com o vizinho e da guerra civil prolongada têm mais de século e meio, existem, no entanto, certos traumatismos colectivos directamente ligados ao assassinato ou à morte de certos políticos que encarnavam, de forma insubstituível, uma profunda esperança comunitária. 1908, 1918, 1921 e 1965 precedem Camarate. Para uns, um triste acontecimento provocado por um fatídico desastre; para muitos, um acto de sabotagem e, conseqüentemente, um verdadeiro crime político. O facto é que a morte de Sá Carneiro e de Amaro da Costa vai desencadear o fim da Aliança Democrática, cujo governo rapidamente se enrodilha no decadentismo de uma gestão crepuscular. Em todos estes casos de vazio de realidade provada há muitas semelhanças e coincidências que não cabem apenas nos domínios da ficção. Toda esta sucessão de trágicos acontecimentos na vida do Estado não tem sido propícia para a desdramatização da política portuguesa, contribuindo para que o nosso fundo messiânico e romanesco transforme certos homens políticos em entidades quase místicas, rodeadas pelo fatalismo e pela magia. Logo, não se estranhe que suja toda uma literatura de ficção histórica, mais ou menos sensacionalista, mais ou menos recheada de elementos de polícia científica, que vão imaginando o que Portugal poderia ter sido se este ou aquele assassinato político não tivesse ocorrido. Logo, fica um País marcado por uma espécie de cultura funerária, onde se instrumentaliza o outro mundo, estimulando-se a falsa mística dos homens insubstituíveis.